

DISCURSO

de saudação ao Dr. Hermenegildo Arruga

Prof. Fábio de Barros
Catedrático de Clínica Neurológica

Sr. Dr. Hermenegildo Arruga.

A Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre quis assinalar a vossa visita, gravando o vosso nome em bronze no ádito de sua casa. E' uma homenagem, que honra mais a nossa Escola que a vós mesmo. A nossa admiração não vos era necessária e não acrescenta o que quer que seja à vossa glória. Vem, tão somente, significar que as palavras, que aqui pronunciastes, as lições que proferistes, o eco destas paredes repetirão incessantemente, para sempre, e hão de constituir, para professores e estudantes, que aqui se sucederem, um inesgotavel tesouro de sabedoria e de bondade. Mas, é convicção de todos nós que, com esta homenagem, dá a Faculdade de Medicina muito menos do que recebeu.

O grande e malicioso Rabelais que, sendo, a um tempo monge zeloso e médico dos maiores do seu tempo, reunia a ciência à piedade (a ironia é, muitas vezes, uma forma de piedade), escreveu estas palavras, sôbre que, nunca, será de mais meditar: "Science sans conscience est la perte de l'âme."

Para praticar a ciência com consciência é preciso exercê-la com a inteligência e com o coração; com amor e abnegação; com sacrifício, com desinteresse pessoal, com fé religiosa; em uma palavra, heroicamente. Eu sei, illustre mestre, que o entendeis assim, espelho que sois da vossa grande e nobre raça.

O heroismo de que vos falo, não é, porém, o heroismo comum dos que lutam e sabem morrer na defesa de uma idéia, de um princípio, de um sentimento, mas o dos que sabem viver sem ambições, não para si, nem para o próprio bem, mas para todos e para o bem de todos. Heroismo que é fruto dessas duas virtudes que formaram o caráter do povo espanhol: a independência moral e o misticismo; virtudes que, de um lado, geraram a estirpe dos Cid, as *behetrias*, as *uniones*, os *comuneros*, de Castela, a revolução que elevou Isabel ao trono; de outro, produziram o teatro de Calderon, a pintura de Ribera, de Zubaran, de Murilo, animaram iluminados sublimes, como Santa Teresa e Santo Inácio, deram à nação um cardeal Ximenes e todos quantos *varones sabios para regir, duros y fuertes para guerrear*.

Para quem não quizer confundir fenômenos políticos e fenômenos históricos, a existência da independência moral e do misticismo, fundidos em um só traço, caráter heroico da raça, revela-o à visão crítica e ao sentido filosófico da História, a agitada vida peninsular, desde a Espanha romana e visigoda, até os dias contemporâneos através da monarquia católica, senhora do mundo, com o seu trono assentado em dois Continentes, através dos descobrimentos marítimos e da jornada terrível de Lepanto, em que o heroismo e a fé espanhóis opuseram a força das armas e ainda mais a energia da alma contra

a invasão dos novos bárbaros do oriente, na defesa da civilização e da cultura latinas.

Deve-se pensar que o misticismo hespanhol é um sentimento ativo e não contemplativo; moral e não metafísico. Não existe entre Santa Teresa e Santo Inácio, nada de comum com os místicos neoplatônicos da Escola de Alexandria, com Plotino, ou com Porfírio. Êstes, pelo caminho enganador da filosofia, se satisfizeram, ao termo da jornada, com encontrar um mundo construído com a imaginação de um poema de teologia oriental. Os espanhóis com os elementos psicológicos da raça deixaram-se arrastar por um misticismo afirmativo, espontâneo e não erudito, do coração mais que do cérebro, e chegam com êle ao Concílio de Trento, para combater, vitoriosamente, triunfando pela palavra vigorosa de Salmeron e Laynez, companheiros de Inácio, e desencadeiar, contra o partido da conciliação, a revolução teológica que veio dar alento novo à fé católica e salvar a cultura humanística. Êsse misticismo é uma fonte viva e borbulhante de energia nacional, inspirador sem par de sentimento heroico.

Toda a existência da Espanha, desde quando ela começa a contar para a História, isto é, desde que para a península se transferiu o teatro das lutas entre romanos e cartaginêses, é a afirmação reiterada das duas qualidades in-gênitas, espontâneas da sua gente, a independência pessoal e o sentimento religioso. Assim o compreendeu o historiador ilustre, conhecedor profundo da alma ibérica, que escreveu estas palavras definitivas: "O espanhol encontrou no misticismo um fundamento para o seu heroísmo e fez do amor divino a melhor arma para o seu braço. Em vez de se deixar absorver pelo céu, trouxe para dentro de si a divindade; ganhando, assim, uma força mais que humana, porque a energia da sua vontade se tornou para êle a vontade de Deus encarnada em homens." E' ainda com essas armas ideais, principalmente, que êle se defende, na hora que flúe, e defende o mundo e a civilização ocidentais, contra a nova barbárie, salvando-os de uma pavorosa catástrofe, tal como o fizera no século XVI, contra o invasor turco.

Quando não podia lutar com o braço, a Espanha continuava lutando com o riso demolidor. Os seus artistas, ou a inteligência anônima do povo, lançavam, como setas, diretamente no peito dos opressores, a sua ironia mortífera, como uma flor venenosa. Foi assim que lutou Cervantes.

A opressão absolutista foi origem desta tradição popular: nos primeiros dias da Criação, a Espanha pediu ao Criador um belo céu, um mar bonangoso, os frutos mais saborosos e as mais belas mulheres da terra e Deus conce-deu. Para aproveitar todos êsses dons faltava-lhe um bom govêrno, e ela o foi pedir, como mais uma graça ao Supremo dirigente do mundo. Deus foi, porém, prudente: não deferiu o novo pedido.

"Seria de mais, e um grande risco para a minha providência. Com um bom govêrno a Espanha tornar-se-ia um paraíso terrestre, o que não entra nos planos divinos."

Não levemos a sério a anedota. Si a Espanha, como aliás, todos os povos, teve maus governos, a existência dêles não suprimiu jãmais a liberdade moral do espanhol nem lhe diminuiu o heroísmo. Não desfaleceram nem se apagaram as virtudes coletivas da raça. O gênio peninsular não sofreu nenhum eclipse. Mesmo em face das mais duras formas de absolutismo o povo espanhol conservou a sua liberdade de espírito. Sob a exterioridade formal de servidão, mantinha-se vivo o sentimento da liberdade individual, traduzindo-

se no orgulho dessa frase a brotar naturalmente, dos lábios do mais esfarrapado dos mendigos: *Somos hidalgos como el rey... dineros menos!*

Por isso só tiveram verdadeira estabilidade e deitaram raízes fortes na alma da nação as instituições representativas da vontade geral, harmônicas com o sentimento nacional que foram expressões legítimas do gênio coletivo. Assim, a coroa, na Espanha era já um símbolo da soberania nacional, quando, ainda, na França, Francisco I era um rei do tipo medieval; entre os Estados absolutistas da Europa, a Espanha se apresenta, no dizer exato de um historiador como "uma democracia a que a monarquia preside".

E enquanto os demais povos do Ocidente toleram governos de tipo feudal, essa antecipação de Richelieu, que foi o cardeal Ximenes, dos degraus do trono de Fernando e Izabel, faz da Espanha o tipo das nações modernas.

Nem olvidemos que foi na península que Napoleão encontrou as primeiras e as mais sérias e inesperadas decepções para o seu desmesurado sonho de um grande Império. Antes de o ser em Leipzig e na Rússia, o corso era batido na Espanha. Os aguerridos batalhões de veteranos, vencedores de Marengo e Austerlitz recuaram surpreendidos pela bravura, pelo ímpeto e pela audácia dos *diabos brancos*, nas guerrilhas de Saragoça e em centenas de outras. Desarmado, abatido, abandonado dos seus reis, o povo encontrou, para reagir, energias vitais inesperadas nos seus sentimentos religiosos, na revolta dos brios nacionais feridos e, sobretudo, nessa virtude fundamental do carater peninsular, a independência pessoal.

Eu asseverei, ainda há pouco, ao iniciar esta desataviada alocução, que exercíeis a medicina com heroísmo, sacrificando-lhe tudo: a vossa inteligência e o vosso coração; a vossa atividade e o vosso repouso. Quero dizer, agora, que, com êsse proceder, obedeceis a razões profundas e imprescrutáveis, que ultrapassam o indivíduo e se radicam nos elementos étnicos que se vos caldearam no sangue. Permaneceis fiel às tradições do povo que ilustra. Digno filho de um tal povo, sois genuinamente espanhol.

Examinando a vossa atividade científica, uma outra prova se me depara da consciência com que exercéis a vossa ciência. E' a maneira como entendeis a especialidade em que sois o mestre dos mestres: *maestro di color che sanno*. Êsse ponto de vista, o definiu o grande Rist, em seu discurso inaugural, no Congresso da Sociedade Francesa de Oftalmologia, 1921: "Sois o menos especialista dentre os especialistas; vós através do olho, como um semáforo, prescrutais todos os campos da medicina." Já alguém disse com ironia, que em muitos casos tem o sabor da verdade, que o especialista é um homem que procura, conscienciosamente, reduzir ao mínimo a sua ignorância. Na verdade, em medicina, sabemos hoje, não podemos isolar o órgão doente do organismo a que êle pertence. Eis uma novidade que, como todas as novidades, data de muitos séculos. Platão a conhecia, como atestam êstes conceitos, atribuídos a Sócrates, no diálogo Cármites: "Deveis saber que os bons médicos, si alguém os consulta sôbre uma doença dos olhos, não lhes ser possível curá-los, sem os tratar, também, da cabeça. Da mesma sorte, seria absurdo pretender curar a cabeça, independentemente, de todo o corpo. Partindo dêste princípio, é pelos cuidados dispensados ao todo, que conseguem restituir à saúde o órgão que sofre. Ignorais ser esta a doutrina dos verdadeiros médicos e que tal é a natureza das cousas?"

Eis uma verdade que levou mais de dois mil anos para chegar até nós.

O certo é que a experiência de cada dia, o progresso incessante das ciências médicas, nos revelam as íntimas relações que ligam, entre si, numa estreita

dependência todos os órgãos, no estado fisiológico, como no patológico. Daí o artificialismo da separação dos diversos ramos da medicina e a necessidade de uma colaboração eficiente de todos êles na resolução dos nossos grandes e complexos problemas. Daí, também, o poder-se afirmar, para só falar, agora na oftalmologia, que para ser-se bom oculista é indispensável ser bom médico. Não são raras, com efeito, bem o sabeis, as eventualidades em que moléstias de órgão ou de aparelho que não o da visão, se manifestam por sintomas oculares, exclusivos ou predominantes, a darem alarme ao clínico ou ao doente, de um padecimento cujas causas assentam alhures. Bastaria lembrar a importância, para o diagnóstico clínico, das afecções do fundo do olho dependentes de perturbações discrásicas do sangue, ou dos aparelhos cardiovascular e renal; o conjunto de sinais iridopupilares e da inervação motora do globo ocular, traduzindo, muitas vezes, com grande precedência, alterações do sistema nervoso central, desde a doença de Duchene e da paralisia geral progressiva até a esclerose difusa medular e ao síndrome parquinsoniano postencefalítico; e a estase papilar, ou o aumento da pressão retínica diastólica, que a precede, reveladora da hipertensão endocrânica, indício de meningite serosa, ou de tumor, cuja localização, bastas vezes, se denuncia pelos distúrbios funcionais do aparelho oculomotor ou das vias óticas de condução.

Ainda, recentemente, o professor Biagio Alaimo, da Universidade de Pádua, chamava a atenção sôbre o importância do exame oftalmológico, para se decidir, em derradeira instância, o diagnóstico das várias formas das reticulo endotelioses que, por consequentes a perturbações do metabolismo dos lípides cujo regulador é o sistema reticulo histiocitário, se envolvem na designação comum de *lipoidoses generalizadas*: o mal de Gaucher, o mal de Niemann-Pick, a *xantomatose essencial* e o síndrome de Hand-Schüller-Christian, em que tão bem se enquadra, a *idiotia amaurotica familiar* de Tay-Sachs ao lado da hepatoesplenomegalia de Niemann-Pick, agora que a escola de Del Rio Ortega, individualizando as células reticuloendoteliais da neurologia, estendeu, até o sistema nervoso o campo da influência fisiológica e patológica, daquele sistema de defesa.

O estudo dêsses síndromos vem demonstrar êste fato não mais contestável: que as alterações do metabolismo geral das gorduras sóem com surpreendente frequência, manifestar-se por sinais e sintomas, na alçada do aparelho visual, cuja determinação pode tornar-se decisiva para o diagnóstico.

Poderia referir, ainda, os múltiplos quadros mórbidos decorrentes de lesões de região *diencéfalo-quiasmático-hipofisária* e, dentre êles, a *aracnoidite opto-quiasmática*, cujo rastilho o neurologista só consegue descobrir amparado ao oftalmologista. Mas, para que alongar essa enumeração? O que eu queria assegurar é que novas e mais amplas perspectivas estão abertas à oftalmologia e que vós, Sr. Dr. Hermenegildo Arruga, sois mestre de uma escola, onde se preparam outros mestres, e que, há muito, incorporou essa doutrina ao seu patrimônio científico e a pratica com superior inteligência. Sois, para usar o dito de Rist "o menos especialista dos especialistas". Não é a vossa uma especialização em recinto fechado, com muros impraticáveis. E essa escola, que é a vossa, formou-se, independentemente, sem títulos oficiais, sem forais administrativos, em plena liberdade de pensamento e de ação. De sorte que de vós, se poderá ainda dizer como de Epícuro: *Il acheta un beau jardin qu'il cultivait lui-même. C'est là où il établit son école; il menait une vie douce et agréable avec ses disciples qu'il enseignait en se promenant et en tra-*

vaillant... Il était doux et affable à tout le monde. Il croyait qu'il n'y a rien de plus noble que de s'appliquer à la philosophie.

Êsse jardim espiritual, onde vos applicais nobremente à oftalmologia e a ensinais, não vos impede alongar os passos pela floresta quasi virgem, que o circunda. E à sua sombra inspiradora, meditastes filosoficamente, que as grandes árvores robustas e de amplas frondes e as elegantes plantas do jardim, frequentemente, casam suas raizes sob a terra fecunda, numa silenciosa troca de energias e que, assim, misteriosamente, o colorido e o perfume das flores se nutre da seiva da floresta e que na ramaria das árvores se dilúe um pouco do perfume e do colorido das flôres.

Sr. Dr. Hermenegildo Arruga: aquí termina o meu mandato. Podeis crer, e a isso vos exorto, que a intenção que me impeliu a êste posto, obediente à delegação imperativa do corpo docente da Faculdade de Medicina, era muito mais bela do que a fórma com que tive que a revestir, para exprimir os nossos sentimentos e fazê-los chegar até vós.